

Santa maternidade

Recordo, castelã!... O narciso trescala
Do teu colo a fulgir de jóias soberanas...
Alguém morre na festa... E, soberba, te ufanas
Do jovem que impeliste ao suicídio na sala.

Tempos correram, presto... Entre humildes choupanas,
Trazes agora ao peito um filhinho sem fala,
Mutilado ao nascer, flor que se despetala,
No trato de aflicção da prova em que te fanas...

Restauras, padecente, a vítima de outrora,
Ontem, transviada e ré, hoje, mãe que ama e chora!...
Salve a reencarnação, passaporte ao futuro!

Mãe, agradece a dor!... No porvir que vem perto,
Brilharás como estrela, ante o filho liberto,
E alcançarás, ditosa, o reino do amor puro!...

EPIPHANIO LEITE

Papai rico

Conheci Cantídio Pereira em pleno fastígio econômico. Duas fazendas na gleba fluminense e grande conjunto residencial em formosa praia do Rio. Gostava de carros e viagens, diversões e aperitivos. Era, em suma, cavalheiro elegante e bem posto, relacionando anedotas finas em cada conversação.

Não abraçava o grande amigo, desde muito tempo, quando fui reencontrá-lo, justamente ali, em velha casa consagrada a problemas e assuntos de reencarnação.

Recolhi-o, de encontro ao peito, com a felicidade de quem surpreende um irmão em país diferente, e passámos a falar no mesmo idioma de carinho e recordação.

Ignorando-lhe a mudança, da Terra para a Vida Espiritual, era natural me espantasse, não apenas por revê-lo em pessoa, mas também ao verificá-lo a aflitiva apresentação.

O antigo "gentleman", que envergava costumes de puro linho inglês nos repastos do Leme, parecia